

**MEA, Elvira Cunha de Azevedo (2020), *O Porto Judaico. Encruzilhadas de Vidas nos Caminhos da História*, Rio Tinto, Evolua. ISBN 978-989-8088-24-6, 363 pp.**

Maria João Oliveira e Silva  
CITCEM/FLUP  
mjpinho@letras.up.pt

Num volume da *História – Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*, cujo dossier temático se dedica ao tema *O Porto e a sua região, séculos IX-XVI*, pareceu-nos importante recensear uma obra que, como salientado no “Prefácio” assinado por António Borges Coelho, se detém “particularmente no Porto judaico e no papel dos judeus na história e geografia da cidade” (p.10). Com efeito, ao longo dos vários capítulos do livro, a Autora traça o percurso dos judeus na Península Ibérica desde o seu estabelecimento “em tempos imemoriais” até chegar ao século XX. Este longo trajeto é descrito e analisado ao longo de nove capítulos, aos quais se junta, para completar a obra, o já referido “Prefácio” (pp. 9-11), o poema “Revogação” de Manuel Alegre (p. 13), a “Introdução” (pp. 15-16), um capítulo de “Fontes e Bibliografia” dividido em “Fontes Manuscritas” (pp. 351-353), “Fontes Impressas” (pp. 353-354) e “Bibliografia” (pp. 354-360), e, por fim, uma nota da responsabilidade de Maria da Conceição Pinheiro e Carla Noronha em nome da comunidade educativa do Ribadouro (p. 363).

No capítulo “Fixação à Terra” (pp. 17-29) a Autora conduz-nos pela presença judaica na Península Ibérica desde os primeiros séculos da nossa Era até aos inícios do século XII, destacando acontecimentos, autores e obras literárias mais marcantes deste período. Portugal toma “voz própria” a partir do capítulo “O Tempo dos Judeus” (pp. 31-40) que se foca na política régia relativamente aos judeus durante a dinastia afonsina. Também aqui se referem os momentos mais significativos deste período, dando-se relevância à legislação régia e às normativas pontifícias destinadas à comunidade judaica. Já a cidade do Porto entra “em cena” no capítulo “O Porto Judaico” (pp. 41-88), que percorre os séculos XII até aos finais do século XV, localizando espaços da cidade que os judeus privilegiavam com destaque para a judiaria e a sinagoga. Para a melhor localização destes espaços muito contribuem em imagens que entremeiam estas páginas e onde se reproduzem fotografias atuais de vários locais da cidade. Também se identificam homens, mulheres e famílias judaicas, os seus modos de vida, as suas profissões, o seu enquadramento na sociedade portuguesa e portuense, as suas relações

Maria João Oliveira e Silva – *O Porto Judaico. Encruzilhadas de Vida nos Caminhos da História* História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 11 nº 1. 2021. 281-283. DOI: [https://10.21747/0871164X/hist11\\_1r2](https://10.21747/0871164X/hist11_1r2)

com outras comunidades judaicas espalhadas pela Europa. Especial enfoque é dado à reação de vários membros da comunidade judaica do Porto à ordem régia de expulsão de judeus e mouros de 1496, decretada por D. Manuel. Este marco na história dos judeus em Portugal serve de mote ao capítulo seguinte “Os Cristãos-Novos” (pp. 89-99) no qual se apresenta o processo de estabelecimento do Santo Ofício em Portugal e a criação do tribunal da Inquisição, em 1536. No capítulo “A Gente de Nação do Porto” (pp. 101-154) o enfoque volta a ser a realidade dos judeus/cristãos-novos portuenses, durante o século XVI, descrevendo-se pormenorizadamente muitos processos inquisitoriais e os resultados dos autos de fé realizados no Porto, assim como o impacto que tais processos tiveram na vida de várias famílias que optariam mesmo por sair da cidade. As consequências das ações da Inquisição em Portugal, e muito concretamente no Porto, são alvo de reflexão no capítulo “E tudo a Inquisição Levou...” (pp. 155-255) através do recurso a inúmeros casos paradigmáticos da situação vivida pelos cristãos-novos da cidade, observados a partir de dezenas de processos inquisitoriais. A análise desses casos permitiu à Autora concluir o seguinte: “A vivência dos cristãos-novos portuenses na primeira metade do século XVII é algo que permite várias situações entre dois caminhos extremos: o desafio duma identidade dissimulada e a diáspora, ou seja, o desterro, o desterro de Portugal...” (p.168). Ao curto capítulo “E depois?” (pp. 257-260), onde se traça sumariamente o percurso do Santo Ofício em Portugal desde a segunda metade de Seiscentos até à sua extinção em 1821, segue-se um outro intitulado “A Diáspora” (pp. 261-303). Ao longo desse capítulo, a Autora conduz-nos pela diáspora judaica portuguesa e portuense que teve como destinos várias cidades do Mediterrâneo assim como do Norte da Europa, para além do Brasil e das Índias de Castela, o que permitiu, entre outras situações, criar e/ou reforçar redes comerciais fortemente dinâmicas ao longo dos séculos XVI e XVII. O último capítulo, “Os Marranos. A Obra do Resgate” (pp. 305-350), centra-se no trabalho desenvolvido pelo capitão Arthur Carlos de Barros Bastos, nas primeiras décadas do século XX, no âmbito da “Obra do Resgate” que pretendia mostrar aos marranos portugueses “que não havia razão para o culto clandestino e [para] ter medo porque a Constituição republicana de 1911 consignava a liberdade religiosa” (p.308).

Como se conclui, a narrativa segue uma ordem cronológica, apontando-se os momentos-chave da história dos judeus em Portugal, mas dando sempre preponderância ao foco principal da obra, isto é, a comunidade judaica portuense. Por essa razão, a

Maria João Oliveira e Silva – *O Porto Judaico. Encruzilhadas de Vida nos Caminhos da História* História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 11 nº 1. 2021. 281-283. DOI: [https://10.21747/0871164X/hist11\\_1r2](https://10.21747/0871164X/hist11_1r2)

maioria dos capítulos do livro são dedicados quase exclusivamente a esta comunidade no seu todo, mas também individualizando alguns dos seus nomes mais relevantes.

As várias imagens que retratam espaços da cidade do Porto e que surgem ao longo do texto são enriquecedoras do mesmo. No entanto, parece-nos que teria sido muito importante acrescentar alguma cartografia que auxiliasse o leitor a localizar determinadas ruas e praças e outros locais da cidade que são referidos frequentemente pela Autora.

Ao longo da obra, é referenciada bibliografia especializada, muito concretamente no que se refere a estudo centrados no Porto, ressaltando os títulos da própria Autora.

É abundante o recurso a fontes documentais, numa grande parte dos casos inéditas, que são citadas tanto em nota de rodapé como em corpo de texto e que constituem uma mais-valia para o leitor. No entanto, encontram-se, por vezes, citações muito extensas, nomeadamente de processos da Inquisição, que chegam a ocupar várias páginas do livro.

É notório o cuidado da Autora em definir determinados conceitos, palavras e títulos muitos deles hebraicos. Por essa razão, talvez se justificasse a elaboração de um glossário, no final da obra, onde se reunissem todos esses termos, de modo a potenciar a informação apresentada e facilitar a sua consulta.

Tendo em conta o elevado nível intelectual de muitos dos homens e das mulheres apresentados e estudados nesta obra, e de modo a enriquecer o livro com outro tipo de figuras para além das escolhidas, teria sido interessante recorrer às subscrições autógrafas de alguns desses indivíduos e que a Autora certamente encontrou nas suas aturadas pesquisas nos processos inquisitoriais.

Como refere o prefaciador desta obra: “O seu conhecimento profundo dos processos da Inquisição do Porto e de Coimbra leva Elvira Mea a abordar a vida, o sucesso dos mercadores e intelectuais cristãos-novos da cidade e as suas ligações internacionais” (p. 11), razão mais do que suficiente para fazer desta obra um título essencial para quem estuda a história dos judeus no Porto e em Portugal.